



EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO DOCENTE EM GEOGRAFIA

Viviane Melo

vivianemelo.ufs@gmail.com

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da rede municipal de ensino do município de Capela/SE. Endereço: Rua Nossa Senhora do Carmo, nº 60. Vila Pedras. CEP 49700-000. Capela/SE

Karine dos Santos Sobral

karine_sobral@hotmail.com.br

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da rede municipal de ensino do município de Itabaiana/SE. Endereço: Rua Percílio Andrade, nº1599. Centro. CEP 49509-000 Itabaiana/SE

RESUMO

O presente texto discute experiências de discentes no contexto dos Estágios Supervisionados em Ensino de Geografia I e II. As experiências estão inseridas, no processo que envolve a formação dos professores de licenciaturas. O Diagnóstico de Observação visa demonstrar o contato inicial dos discentes no campo de trabalho. A prática cotidiana foi desafiadora, pois permitiu a reflexão de que as práticas pedagógicas envolvem apropriação e consciência da práxis.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino. Prática docente. Estágio. Educação Básica.

TEACHING INTERNSHIP EXPERIENCES IN GEOGRAPHY

ABSTRACT

This text discusses experiences of learners in the context of supervised internships in Teaching Geography I and II. The experiments are inserted in the process that involves the training of teachers of undergraduate courses. The diagnosis of observation aims to demonstrate the initial contact of students in the field of work. The daily practice was challenging, because it allowed the reflection that the pedagogical practices involve ownership and awareness of praxis.

KEYWORDS

Teaching. Teacher practice. Internship. Basic education.

Introdução

A iniciativa em discutir sobre experiências de estágio docente em geografia, no contexto das disciplinas de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I e II, partiu da contribuição da *III SEMAC – SEMANA ACADÊMICO-CULTURAL SEMINÁRIO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE ESTÁGIO*, organizada no dia 20 de outubro de 2016 pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

No evento citado, tivemos a oportunidade de relatar para um público heterogêneo (comunidade, discentes, professores e alunos da Educação Básica) as experiências adquiridas no processo de formação de professores. O estágio consiste no contato inicial dos discentes com o campo de trabalho.

Essa fase de contato, aproximação e convívio direto significa um rompimento de algumas ‘barreiras’ que estão envolvidas pela timidez, temor, insegurança e o medo. Os obstáculos idealizados são vencidos, concomitante as idas frequentes na escola.

Na maior parte dos cursos de licenciatura o estágio está configurado em dois momentos, o de observação e o da prática de ensino propriamente dita da metade do curso para o final. Os ordenamentos jurídicos que regulam o estágio nas licenciaturas, o sentido de ir a campo e pesquisar seu campo de ação docente futura, assim como o significado do estágio ao longo do currículo avançaram no sentido de que a prática se dê ao longo do curso, não apenas no momento que adentram o campo de estágio. (MELLO; LINDNER, 2012, p. 10).

Considerando que, a prática docente deve estar presente no decorrer do processo da formação de professores, será abordada a relevância do Diagnóstico de Observação que visa demonstrar o contato inicial dos discentes no campo de trabalho e a prática

cotidiana como desafiadora, pois permitiu a reflexão de que as práticas pedagógicas envolvem apropriação e consciência da *práxis*. Isso evidencia o papel transformador do profissional da licenciatura que, através de sua prática docente, permite ao aluno refletir com pensamento crítico a realidade vivida.

Diagnóstico de observação da escola

Resultado de um Relatório proposto para a disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I, desenvolvido na Rede Pública Municipal de ensino da cidade de Itabaiana Sergipe, na Escola Municipal Professora Neilde Pimentel Santos, com alunos do 7º ano, o Diagnóstico de Observação propôs observar criteriosamente a escola em seu contexto geral: estrutura física, recursos materiais, a gestão e organização da escola.

Diante disto, constatou-se que a situação física da escola é regular, o pátio é pequeno e serve tanto para as atividades pedagógicas quanto para recreativas, as salas de aula contabilizam oito núcleos minúsculos e insuficientes com mobiliário básico de mesas e carteiras, possui três banheiros, uma sala de vídeo ativa com instrumentos necessários para as atividades pertinentes e um laboratório de informática em funcionamento. Contém também bebedouros, uma sala de leitura, uma cantina pequena, administrada por duas merendeiras, organizada com cardápio estabelecido pela nutricionista, geladeira grande, micro-ondas, mesa de seis cadeiras, fogão e armário. É importante ressaltar que esses ambientes observados são climatizados (ventiladores), com boas instalações hidráulicas, teto forrado, bem iluminado.

A escola é regida pelo PPP (Projeto Político Pedagógico) e o Regimento Escolar. O PPP e o Regimento Escolar estão em coerência com a gestão democrática e participativa da comunidade escolar e da sociedade. O bairro Marianga em Itabaiana, no qual está localizada a escola possui famílias de classes menos favorecidas economicamente, situação facilmente perceptível na observação da paisagem que demonstra a estrutura das casas e saneamento básico precários. Vale enfatizar que, o Diagnóstico privilegiou observar as questões que envolvem à estrutura física e os recursos materiais disponíveis. Quanto à gestão e organização restringiu-se a identificação dos requisitos normativos necessários que regem a escola, como a adequação do PPP e do Regimento Escolar ao contexto social específico em que a escola está inserida. Assim, não houve análise aprofundada de tais documentos.

A observação é metodologicamente importante. Cria-se uma consciência da realidade vivenciada pelos sujeitos, frente as dificuldades encontradas. É necessário vivenciar e sentir o campo de trabalho, questionar a realidade a fim de identificar os limites no desenvolvimento de um ensino de qualidade. Por isso, “o estágio é como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos” (PIMENTA e LIMA, 2008, p. 48).

Refletir sobre o caráter político e social das práticas que se dão no dia-a-dia da escola pressupõe considerar a complexidade que se dá na realidade escolar (PARO, 2001). Desta forma, a escola necessita de uma estrutura adequada as suas demandas para que os alunos e professores possam realizar as atividades adequadamente. Exemplo: numa das aulas observadas, o professor tentava trabalhar em seis grupos contendo sete alunos em cada. Porém, a sala não comportava a organização desejada pelo professor. Desta maneira, foi necessário adequar a prática segundo a estrutura oferecida pela escola.

De maneira geral, a escola carece de melhorias em estrutura e todo o suporte – tecnológico, materiais didáticos, mídia, entre outros – adequado para o desenvolvimento de práticas educativas que visem além da interação e comunicação entre os sujeitos, uma aprendizagem reflexiva significativa.

Embora, “os processos de interação e comunicação no ensino sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo, do que das tecnologias utilizadas, sejam o livro, o giz ou o computador e as redes” (KENSKI, 2008, p. 24), uma infraestrutura precária ou carente dificulta a realização das atividades.

Isso também reflete nas formas de participação coletiva de trabalho em busca da melhoria da qualidade do ensino. A escola é o lugar que concede o caminho formal para as discussões, debates e construção do conhecimento acumulado historicamente. Um espaço que abriga a diversidade de grupos sociais, que discute questões sociais, resultantes dos conflitos de classes.

Vale ressaltar que, a observação também abrangiu lugares de atuação não docente. Houve uma articulação necessária com os grupos de atuação política e social, tendo em vista o reconhecimento dos trabalhos realizados em parceria com a escola, como o SINTESE – Sindicato dos Trabalhadores de Sergipe, PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil e o Conselho Tutelar.

A prática cotidiana em sala de aula

O estágio docente em geografia, é um exercício prático na sala de aula inerente à disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia II. Foi desenvolvido na Rede Pública Estadual de Sergipe, no Colégio Nestor Carvalho Lima, com alunos do 9º ano. Lidar na prática cotidiana com a tarefa de ensinar, traz a compreensão da importância que carregam os conteúdos, a relação professor/estagiário/aluno, a sala de aula e as práticas pedagógicas. Essa ideia traz peso substancial porque nosso desafio foi trabalhar com os alunos o tema da geografia do Oriente Médio. Tal tema, é permeado por discursos preconceituosos, de criminalização e descriminalização.

A principal tarefa foi desconstruir conceitos muitas vezes formados pela mídia. Exemplo: a ideia construída sobre o terrorismo associado ao Islamismo. Optamos por trazer para o início das discussões os conhecimentos que os alunos possuíam em relação ao tema para podermos explicar sobre contexto histórico do processo de formação, a configuração das fronteiras e localização estratégica, dinâmica econômica interna e externa, população, aspectos físicos e naturais como o relevo, clima e vegetação associados às ações de intervenção antrópica.

Foi possível perceber como esses temas, associados as dificuldades da estrutura física do ambiente e a dinâmica escolar social, política e cultural explicam a complexidade existente no campo de estágio. Mesmo com dificuldades de estrutura física porque as salas são minúsculas para comportar turmas com quase cinquenta e cinco alunos, foram trabalhadas várias atividades coletivas em grupos a fim de discutir e analisar criticamente textos jornalísticos introdutórios, paisagens locais, na discussão do processo histórico e territorial. A partir da exibição de um filme foi trabalhada a representação das nações, abordando a questão do domínio e da apropriação dos territórios e dos recursos naturais.

Conforme Freire (2002, p. 77-78) “[...] toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina.” Nas práticas pedagógicas trabalhamos a consciência reflexiva nos alunos, para além do aparente/visível. Metodologicamente resultou em aulas mais interessantes, convidativas ao envolvimento, socialização de experiências.

É propor uma atividade nova, porém tendo como primordial objetivo, refletir criticamente sobre os conteúdos, na busca pela aproximação com a realidade. Pois somente uma ação educativa que compreende o aluno enquanto possuidor de

conhecimento sobre o seu cotidiano consegue instigar os sujeitos na busca e atribuição de significados valorativos nas relações entre realidade, saberes, experiências cotidianas. (CAVALCANTI, 2013).

Na escola e no ensino da geografia também fazemos essa separação entre o conhecimento produzido e a nossa realidade cotidiana, ou seja, a nossa vida, bem como nos isolamos em nossa “ilha” de conhecimento – nossa disciplina, e não pensamos no todo. Quantas vezes discutimos os problemas da educação e do ensino, enxergando nas esferas exteriores (governo, sociedade, direção, pais, alunos e outros professores/disciplinas) as possíveis causas de tais problemas, esquecendo-nos, às vezes, que somos parte também de todo esse processo. É preciso que nós, professores de geografia, rompamos com essa fragmentação, a fim de pensarmos a escola/ensino na totalidade, e o conhecimento geográfico como uma importante parte, mas não única, dessa realidade. (SOUZA, 2009, p. 2)

Para Kaercher (1996), a geografia existe desde sempre e nós a fazemos diariamente. Um elemento chave nas nossas aulas foi conceber o conhecimento prévio e as experiências cotidianas dos alunos nas problematizações das realidades postas. Em outras palavras, compreender a totalidade partindo do seu lugar, de modo a trazer a geografia contida nos lugares.

Santos (2012), argumenta que no intuito de regatar as vivências, as interações dos sujeitos com o espaço apreendido diariamente, a geografia se aproxima do cotidiano, com isso abre um campo vasto de possibilidades para o saber associado ao convívio social. Assim, “o papel social, enquanto educador, é ajudar a mediação aluno-conhecimento-realidade” (BARBOSA, 2004, p. 17).

Uma preocupação recorrente versava em não perder de vista a perspectiva crítico-reflexiva de problematização dos assuntos, porque nos permite responder “as novas situações de incerteza e (in) definição” (PIMENTA E LIMA, 2008, p. 48).

Certamente, que uma boa interação e comunicação em sala de aula, não se faz plena sem a participação dos alunos nas aulas. A cada aula, os alunos demonstraram interesse pelos assuntos trabalhados.

Isso reflete sem dúvidas no amplo aproveitamento das discussões e debates na apreensão dos conteúdos. O conhecer para Cavalcanti (2005) é um processo social e histórico, não um fenômeno individual e natural. Entretanto, cabe lembrar “a ideia de que a formação de consciência e o desenvolvimento intelectual se dão de fora para dentro, num processo de internalização, não pode implicar um entendimento de passividade do sujeito do conhecimento” (CASTROGIOVANNI; ROSSATO, 2007, p. 22).

Considerações finais

A experiência do estágio em geografia na formação de professores propõe considerar que a ação docente exige valorizar as experiências de vida do educando, o seu poder de questionar, buscar com capacidade criativa um olhar crítico sobre as questões do cotidiano (CASTROGIOVANNI; ROSSATO, 2002).

O Diagnóstico de Observação põe em evidência os limites que envolvem o ensino e o campo de trabalho, como a estrutura física para atender as atividades educativas e o lazer, além das deficiências no que concerne ao atendimento das demandas mínimas da oferta de uma educação de qualidade. Por isso, contribui na formação de professores porque investiga a realidade da Educação Básica e aponta para a preparação do discente quanto ao seu campo de trabalho.

No caminho trilhado, foi relevante a experiência de estar em contato direto com o ambiente da sala de aula marcado pela heterogeneidade dos sujeitos, articular a teoria e a prática, desconstruir e construir conceitos e conhecimentos que considerem a totalidade. Ou seja, as leituras acumuladas na graduação, bem como outras pesquisadas que nos deram suporte para desenvolvermos uma prática docente reflexiva compromissada com uma *práxis* transformadora.

Portanto, compreender nesse contexto de ensino e aprendizagem que a escola está em íntima articulação com os grupos sociais em defesa de uma educação de qualidade e justa para todos. Isto é expressado por exemplo no trabalho realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores de Sergipe (SINTESE), o qual promove ações de conscientização e palestras nas escolas para tratar das questões que permeiam a Educação Básica, denunciando a realidade das condições de trabalho de professores, desvio de verbas públicas, merenda escolar de péssima qualidade, entre outros. Essa atividade não docente vai além dos limites da sala de aula, pois exerce influência política, econômica, social e cultural na aprendizagem.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, M. S. S. **O papel da escola:** Obstáculos e Desafios para uma Educação Transformadora. 2004. 234 f. Tese (Mestrado em Educação) - FAGED - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; ROSSATO, Maíra Suertegaray (orgs.). **Ensino da Geografia:** caminhos e encantos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 18º ed. Campinas: Papyrus, 2013.

_____. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. In: **Cadernos Cedex**, Campinas, vol. 25, n. 66, pp. 185-207, mai./ago. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KAERCHER, Nestor André. A geografia é nosso dia-a-dia. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 21, pp. 109-116, ago. 1996.

KENSKI, Vani Moreira. Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias. In: **Cadernos Pedagogia Universitária** – USP. Pró-Reitoria de Graduação, 2008.

MELLO, Simone P. T.; LINDNER, Luciana M. T. A contribuição dos estágios na formação docente: observações de alunos e professores. In: **Anais do IX ANPED SUL** – Seminário de Pesquisa na Região Sul, 2012.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. 3ª ed. Editora ática. São Paulo, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Laudenides Pontes dos. A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar. In: **Revista Ensino & Geografia**, vol. 16, n. 3, pp. 107-122, set./dez. 2012.

SOUZA, Hanilton Ribeiro de. O cotidiano na geografia, a geografia no cotidiano. In: **Anais do ENPEG** - 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 30 de agosto a 02 de setembro de 2009.

Recebido em 17 de março de 2017.

Aceito para publicação em 05 de fevereiro de 2018.